

Resenha do livro: NOSELLA, P. **O CENTRO UNIVERSITÁRIO DE JARAGUÁ DO SUL: UMA HISTÓRIA DE OUSADIA E DETERMINAÇÃO.** Jaraguá do Sul: Editora UNERJ, 2001.

Autora da Resenha: Marise das Graças Machado

A obra originou-se da necessidade de contar a história do Centro Universitário de Jaraguá do Sul (UNERJ) da Fundação Educacional Regional Jaraguense (FERJ), localizado na cidade de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina.

O autor, Paolo Nosella, licenciado em Filosofia na Itália, sua terra de origem, veio morar no Brasil e fez mestrado e doutorado em Filosofia na PUC/SP. Atualmente é professor titular do Departamento de Educação da Universidade de São Carlos/SP, coordena um projeto de pesquisa do Ensino Superior e presta assessoria à UNERJ. Tem destaque também como autor de vários livros.

Nosella faz um resgate histórico com os primeiros desbravadores que chegaram a essa região a partir de 1850. Desta mesma forma, um século depois, narra a chegada a essa cidade do líder religioso Pe. Elemar Scheid, figura humana forte e criativa, que fundou a FERJ é homenageado neste livro.

A obra está dividida em cinco capítulos. Sua escrita, de fácil entendimento, relata fatos históricos, políticos e sociais da época. Dentro do contexto histórico, o autor escreve de forma cronológica, que vai desde a imigração nesta região até à fundação do Centro Universitário.

O professor Nosella aponta também, em cada capítulo ou até mesmo em cada página, concepções e idéias gerais que constituem a filosofia do livro que, segundo ele, considera sendo três. São elas: a relação entre o trabalho e a educação, afirmando que as formas de trabalho é que caracterizam uma sociedade e marcam também sua educação e suas instituições escolares. A segunda refere-se ao debate existente entre as visões gerais (com frequência, genéricas e paradigmáticas) e descrições do singular (meramente curiosas). E a terceira refere-se ao debate existente entre os historiadores que contrapõem dados empíricos, objetivos e interpretações subje-

tivas. No ponto de vista do autor, essas contraposições são defendidas, pois a história contada neste livro respeita dados documentais coletados, embora ele próprio considera que não deixa de ser resultado de determinados olhares humanos, logo, subjetivos. O Professor acrescenta também idéias e convicções como o de Maquiavel, J. Locke e Dilthey.

O primeiro capítulo inicia-se com o fundador da cidade, o engenheiro Emílio Carlos Jourdan, vindo da Europa. Segundo o jornalista Eugênio Vitor Schmöckel, citado por Nosella, p.24 “naquela época a Europa era podre, com seus reinados, ducados e principados dificultando situações que deixavam à população na miséria no século XIX, os quais eram obrigados a emigrarem em navios para as Américas, do Norte e do Sul.”

Esses imigrantes, segundo o autor, ao aportarem no Brasil, tomaram seus rumos e começaram a lutar contra as novas adversidades. Os mais pobres voltavam-se para as lavouras, e os profissionais liberais e raros técnicos, com suas habilidades intelectuais e técnicas, punham-se a serviço da aristocracia brasileira, como foi o caso do engenheiro Emílio Carlos Jourdan que ofereceu à nobreza brasileira algum serviço técnico-administrativo e militar.

As terras do Vale de Itapocu, hoje a cidade de Jaraguá do Sul, pertenciam à Princesa Isabel e a seu marido Conde D’Eu. Porém, estas terras ficaram com suas medições incompletas, e, nessa ocasião, o engenheiro Emílio Carlos Jourdan foi designado pelo casal imperial fazer uma medição das terras com mais precisão. Com esse trabalho, o engenheiro negociou com o Conde o arrendamento de 430 hectares da terra na sede de Jaraguá. Com a compra de 2.000 hectares mais tarde, o engenheiro Emílio não precisaria pagar o arrendamento para o Conde D’Eu caso fosse efetuado, como explica Nosella, resgatando a história. Como imigrantes europeus pobres

que procuravam terras para cultivar e sobreviver, o engenheiro Emílio acabou vendendo essas terras para essas famílias de imigrantes camponeses que colonizaram Jaraguá do Sul, completa o autor.

A partir de 1889, a comunidade jaraguaense crescia e sua organização social se complexificava cada vez mais, ano após ano. Alimentada pelo espírito pioneiro dos imigrantes, com sua ética do ecumenismo religioso, de um lado, e pelo fortalecimento pelo cultural de autonomia e integração do complexo industrial em desenvolvimento, de outro, a rede escolar aumentava cada vez mais. Assim como a instalação da estação de energia elétrica em Jaraguá do Sul foi o estopim da explosão industrial, a vinda do Pe. Elemar Scheid foi o estopim para a criação do ensino superior na cidade, ilustra o autor.

No segundo capítulo, o autor descreve a vinda Pe. Elemar a Jaraguá do Sul. Um padre, envolvido com a juventude Jaraguaense, que teve a idéia de criar uma Faculdade de Jaraguá do Sul. Pois, sua preocupação era com o destino dos jovens da cidade que, terminado o segundo grau escolar, eram forçados a estudarem longe da família e da comunidade.

Pe. Elemar, ressalta o autor, como líder, não se omitiu e foi conversar com seus amigos, com as lideranças políticas, econômicas e religiosas da cidade. Defendeu a idéia e apresentou uma detalhada prestação de contas sobre os trâmites preliminares necessários para a aprovação e implantação da faculdade e que já havia pensado no curso que seria de Estudos Sociais. Mesmo gerando grande polêmica na sociedade jaraguaense, porque o curso de Medicina, Odontologia ou Administração eram os cursos mais desejados para a implantação de uma Faculdade na cidade.

Segundo o Professor Nosella, em 1973, na Câmara Municipal foi aprovado por unanimidade o curso em Estudos Sociais. Logo no ano seguinte, o Conselho Estadual de Educação redigiu a “Carta Consulta” e uma visita no local do curso, os quais foram aprovados pelo Conselho Estadual para poder funcionar a faculdade. O SESI, como participava e apoiava o processo de criação da FERJ, sugeriu que fosse instalada provisoriamente no próprio

prédio do SESI. Mesmo com o surgimento de um problema com o gerente local do SESI, a FIESC negociou e a faculdade permaneceu no SESI por quase três anos. O terreno que foi comprado para a construção da FERJ ficava longe. Logo, a reação geral da população não foi positiva, mas o Pe. Elemar apresentou um projeto elaborado por uma equipe formada e a construção começou em 1977, sendo inaugurada em 1978.

O autor explica que, uma faculdade de Estudos Sociais dos anos 70 necessariamente refletia o clima político nacional da época. Eram os anos da ditadura militar, da censura, das cassações, das prisões políticas e das torturas. Pe. Elemar, consciente de tudo isso, realizava reuniões informais, depois das aulas, para serenar os ânimos e deixar o ambiente tranqüilo. Após a inauguração da nova sede da Faculdade de Estudos Sociais, o Pe. Elemar foi transferido para Taubaté. E seu substituto, escolhido por ele mesmo, foi a professora Carla Schreiner.

No quarto capítulo, o autor inicia descrevendo a nova direção da FERJ. A professora Carla Schreiner, apesar de considerada responsável e honesta, admitia que não entendesse sobre administrar uma universidade. Nascida em Joinville, formada em Letras, contou com o apoio na administração da FERJ, os quais a ajudaram administrar a instituição. A Professora e a sua equipe de apoio elaboraram um projeto para a aprovação do curso de Administração, mas o Conselho Estadual de Educação não aprovou, dando a justificativa de que o curso já existia em Joinville e Blumenau. O autor conta que a Professora insistiu em apresentar o projeto com algumas melhorias no tempo de nove anos. Quando a Carta Consulta deu aprovação ao curso de Administração, um Decreto governamental proibia a criação de qualquer novo curso de ensino superior no território nacional. A FERJ entrou numa frustração pela falta de interesse dos alunos pelo curso de Estudos Sociais. Com isso, a FERJ se tornava cada vez mais frágil, ameaçada pela idéia de fechar.

Ainda segundo Nosella, para não fechar, a diretora professora Carla solicitou algumas vagas emprestadas do curso de Economia e Ciências Contábeis da FURJ (UNIVILLE) por seis anos. A direção da FERJ enfrentou a crise e não permitiu que

a instituição fechasse. Em março do mesmo ano, foi engajado outro projeto na FERJ com o nome “adote um estudante”, onde empresários e pessoas físicas eram motivadas e convidadas a socorrerem estudantes com a situação financeira precária. A ampliação do espaço físico do *campus* foi realizada através de leilões e doações de materiais de construção. Esta ampliação tinha o objetivo de concessão da autorização do funcionamento do curso de Administração. Finalmente, no dia 11 de setembro do mesmo ano, é aprovado o curso de Administração para Jaraguá do Sul, com o funcionamento a partir de 1986.

No quinto capítulo, o autor ilustra que, após catorze anos do início do curso de Administração, o Centro de Ensino Superior da FERJ expandiu em números e em outras atividades de extensão e de pós-graduação em Economia Empresarial. Em 2000, deu início a Habilitação em Comércio Exterior e a Habilitação em Marketing. Animada com o curso de Administração, declara o autor, a Presidência no final de 1986 planejou a abertura do curso de Pedagogia que iniciou em 2000.

Sempre com um olhar para as engenharias, a FERJ manteve um convênio com o CEFET, com a idéia de trazer futuramente o curso de Tecnologia em Mecânica. Em 1998, a FERJ realiza um sonho mais arrojado no âmbito das engenharias. Em 1992, foi projetado o curso de Letras, iniciando suas atividades no ano seguinte com duas habilitações: a docência em Língua Portuguesa e Inglesa (licenciatura) e a outra, para o mercado de trabalho nas empresas, Secretariado Executivo Bilíngüe (bacharelado). O curso de Arquitetura e Urbanismo da FERJ teve início em 1992, mas na FURB por motivos de falta espaço físico especializado. Indo posteriormente para FERJ em 1996. E por fim, o curso de Direito, um grande passo na história da FERJ. O curso de Direito com a aula inaugural em março de 2000.

Desde 1986, declara o autor que quase todos em convênios com instituições de educação superior bem consolidada. Em relação ao caráter social e cultural, sempre ofereceu serviços desde início, quando se implantou a primeira faculdade de Estudos Sociais, em 1976. Sua reitoria entendeu perfeitamente que dirigia um grande complexo ins-

titucional. Ontem, Faculdade de Estudos Sociais, hoje, Centro Universitário, e amanhã, Universidade, é tarefa magna. Neste sentido, em 2000, a reitora Prof^a. Carla Schreiner, apresentou a nova logomarca do Centro Universitário: UNERJ. Passando a FERJ ser a pessoa jurídica da UNERJ.

O autor conclui o livro ressaltando que o Centro Universitário da FERJ caminha para ser reconhecido em breve como Universidade. A UNERJ de hoje é uma universidade anunciada, com uma administração aparentemente simples, mas rica de significados. O compromisso moral com a comunidade de Jaraguá do Sul e a confiança que o Pe. Elemar Scheid depositou na reitora sempre estiveram em primeiro lugar.